

A Última Geração

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Um dos princípios mais básicos para um entendimento correto da mensagem da Bíblia é que a *Escritura interpreta a Escritura*. A Bíblia é a Palavra santa, infalível e inerrante de Deus. É a nossa autoridade mais alta. Isso significa que não podemos buscar uma interpretação autoritativa do significado da Escritura fora da própria Bíblia. Significa também que não devemos interpretar a Bíblia como se ela tivesse caído do céu no século XX. O Novo Testamento foi escrito no primeiro século, e por isso devemos tentar entendê-lo em termos dos seus leitores do primeiro século. Por exemplo, quando João chamou Jesus de “o Cordeiro de Deus”, nem ele nem os seus ouvintes tinham em mente algo remotamente similar ao que o homem comum moderno pensaria se ouvisse alguém sendo chamado de “cordeiro” na rua. João não quis dizer que Jesus era doce, carinhoso, amável ou lindo. Na realidade, João não estava de forma alguma se referindo à “*personalidade*” de Jesus. Ele quis dizer que Jesus era o Sacrifício sem pecado para o mundo. Como sabemos isso? *Porque a Bíblia nos diz assim.*

Este é o método que devemos usar para resolver todos os problemas de interpretação na Bíblia – incluindo as passagens proféticas. Quer dizer, quando lemos um capítulo em Ezequiel, nossa primeira reação não deve ser rastrear as páginas do *New York Times* numa busca frenética de pistas para entender o seu significado. O jornal não interpreta a Escritura, em nenhum sentido primário. O jornal não deveria decidir para nós *quando* certos eventos proféticos foram cumpridos. A Escritura interpreta a Escritura.

Esta Geração

Em Mateus 24 (e Marcos 13 e Lucas 21) Jesus falou aos seus discípulos sobre uma “Grande Tribulação” que viria sobre Jerusalém. Durante os últimos 100 anos tornou-se moda ensinar que ele estava falando sobre o “fim do mundo” e o tempo da sua segunda vinda. Mas é isso o que ele queria dizer? Devemos observar cuidadosamente que o próprio Jesus deu a data (aproximada) da tribulação vindoura, não deixando nenhuma dúvida depois de uma análise cuidadosa do texto bíblico. Ele disse:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mateus 24:34).

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Setembro/2006.

Isso significa que *todas as coisas* que Jesus falou nessa passagem, pelo menos até o versículo 34, *aconteceram antes que a geração então viva terminasse*. “Espere um minuto”, você diz. “Todas as coisas? O testemunho a todas as nações, a tribulação, a vinda de Cristo sobre as nuvens, a queda das estrelas.... *todas as coisas*? “ Sim – e, incidentalmente, esta questão é um bom teste do seu comprometimento ao princípio que acabamos de mencionar no início deste capítulo.

A *Escritura interpreta a Escritura*, eu disse; e você fez um sinal afirmativo com a cabeça, pensando: “Claro, sei tudo isso. Vá ao assunto. Quando começam as explosões atômicas e as abelhas mortíferas?” O Senhor Jesus declarou que “*esta geração*” – pessoas que estavam *então vivas* – não passaria antes que acontecesse as coisas que ele tinha profetizado. A questão é: você crê nele?

Alguns têm procurado evitar a força deste texto dizendo que a palavra *geração* aqui significa na verdade *raça*, e que Jesus estava simplesmente dizendo que a *raça judia* não desaparecia até que todas essas coisas acontecessem. Isso é verdade? Eu lhe desafio: pegue sua concordância e procure cada ocorrência no Novo Testamento da palavra *geração* (no grego, *genea*) e veja se quer dizer “*raça*” em *qualquer* outro contexto. Aqui estão todas as referências para os evangelhos: Mateus 1:17; 11:16; 12:39, 41, 42, 45; 16:4; 17:17; 23:36; 24:34; Marcos 8:12, 38; 9:19; 13:30; Lucas 1:48, 50; 7:31; 9:41; 11:29, 30, 31, 32, 50, 51; 16:8; 17:25; 21:32. *Nenhuma* dessas referências está falando da *raça judia* inteira durante milhares de anos; *todas* usam a palavra em seu sentido normal de *soma total daqueles vivos durante o mesmo tempo*. Ela sempre se refere aos *contemporâneos*. (Na realidade, aqueles que dizem que significa “*raça*” tendem a reconhecer esse fato, mas explicam que a palavra subitamente *muda* seu significado quando Jesus a usa em Mateus 24! Podemos rir de um erro tão transparente, mas deveríamos lembrar também que esse é um erro muito sério. Estamos tratando com a Palavra do Deus vivo).

A conclusão, portanto – antes mesmo de começarmos a investigar a passagem em sua totalidade – é que *os eventos profetizados em Mateus 24 ocorreram no tempo de vida da geração que estava então viva*. Foi *esta* geração que Jesus chamou de “*má e adúltera*” (Mateus 12:39, 45; 16:4; 17:17); foi *esta* “*última geração*” que crucificou o Senhor; e sobre *esta* geração, disse Jesus, recairia o castigo por “*todo o sangue justo derramado sobre a terra*” (Mateus 23:35).

Todas Estas Coisas

Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. (Mateus 23:36-38)

A declaração de Jesus em Mateus 23 é a preparação para seu ensinamento em Mateus 24. Jesus fala claramente sobre um julgamento iminente sobre Israel por ter rejeitado a Palavra de Deus, e pela apostasia final de rejeitar o Filho de Deus. Os discípulos ficaram tão angustiados com sua profecia da maldição sobre a geração presente e a “desolação” da “casa” (o templo) judia que, quando estavam sozinhos com ele, não puderam resistir em pedir-lhe uma explicação.

Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século (Mateus 24:1-3).

Novamente, devemos observar cuidadosamente que *Jesus não estava falando de algo que aconteceria mil anos mais tarde, a um templo futuro*. Ele estava profetizado sobre “todas estas coisas”, dizendo que “não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada”. Isso se torna ainda mais claro se consultarmos as passagens paralelas:

Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções! Mas Jesus lhe disse: Vês *estas grandes construções*? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada. (Marcos 13:1-2)

E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse: *Quanto a estas coisas que vedes*, dias virão em que se não deixará pedra sobre pedra que não seja derribada. (Lucas 21:5-6, RC)

A única interpretação possível das palavras de Jesus que ele mesmo permite, portanto, é que ele estava falando da destruição do templo em Jerusalém *daqueles dias*, as próprias construções que os discípulos contemplaram naquele momento na história. O templo do qual Jesus falava foi destruído na queda de Jerusalém pelo exército romano no ano 70 d.C. Essa é a única interpretação possível da profecia de Jesus nesse capítulo. *A grande tribulação terminou com a destruição do templo no ano 70 d.C.* Ainda que se construa outro templo (muito duvidoso) no futuro, as palavras de Jesus em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 não diriam nada acerca dele. Jesus estava falando somente acerca do templo daquela geração. Não há nenhuma base bíblica para afirmar que qualquer outro templo estava sendo mencionado. Jesus confirmou os temores dos seus discípulos: o formoso templo de Jerusalém seria destruído naquela geração; sua casa seria deixada desolada.

Os discípulos entenderam a importância disso. Sabiam que a vinda de Cristo em julgamento para destruir o templo significaria a total dissolução de Israel como uma nação do pacto. Seria o sinal que Deus tinha se divorciado de Israel, retirando-se do seu meio, tirando-lhe o reino e entregando-o a outra nação (Mateus 21:43). Sinalaria também o fim da era e a vinda de uma era inteiramente nova na história do mundo – a Nova Ordem Mundial. Desde o princípio da criação até o ano 70 d.C., o mundo foi organizado ao redor de um santuário central, uma única Casa de Deus. Agora, na ordem do Novo Pacto, os santuários são estabelecidos onde quer que haja verdadeira adoração, onde os sacramentos são observados e a presença especial de Cristo é manifestada. No começo do seu ministério Jesus disse: “... a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade...” (João 4:21-23). Jesus estava deixando claro que a nova era estava a ponto de ser estabelecida permanentemente sobre as cinzas da antiga. Os discípulos perguntaram urgentemente: “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século” (Mt. 24:30).

Alguns têm tentando ler isto como duas ou três perguntas separadas, de forma que os discípulos estariam perguntando *primeiro* sobre a destruição do templo, e *então* sobre os sinais do fim do mundo. Isso parece impossível. A preocupação do contexto imediato (o sermão recente de Jesus) é sobre o destino *desta* geração. Os discípulos, consternados, apontaram para as belezas do templo, como se para argumentar que um espetáculo magnífico não deveria ser arruinado; eles foram silenciados com a declaração categórica de Jesus que não ficaria pedra sobre pedra. Não existe nada, seja o que for, que indique que eles mudaram repentinamente o assunto e perguntaram sobre o fim do universo material. (A tradução “fim do mundo” na versão King James² é enganosa, pois o significado da palavra inglesa *mundo* mudou nos últimos séculos. A palavra grega aqui não é *cosmos* [*mundo*], mas *aion*, significando *longo período* ou *era*). Os discípulos tinham uma única preocupação, e suas perguntas giravam em torno de um único assunto: o fato que sua própria geração testemunharia o término da era pré-cristã e a vinda da nova era prometida pelos profetas. Todos eles queriam saber *quando* ela chegaria, e *que sinais* eles deveriam procurar a fim de estarem plenamente preparados.

Sinais dos Tempos

Jesus respondeu dando aos discípulos não um, mas *sete* sinais do fim. (Devemos lembrar que “o fim” nesta passagem *não* é o fim do mundo, mas sim *o fim da era*, o fim do templo, do sistema sacrificial, da nação pactual de Israel e dos últimos remanescentes da era pré-cristã). É notório que há uma progressão nessa lista: os sinais parecem se tornar mais específicos e evidentes até que chegamos ao precursor final e imediato do fim. A lista começa com certos eventos que ocorreriam meramente como “o princípio das dores” (Mateus 24:8). Em si mesmos, Jesus adverte, não deveriam ser tomados como sinais de um fim iminente; assim, os discípulos deveriam se guardar contra serem

² Na versão Almeida Corrigida também. (Nota do tradutor)

enganados nesse ponto (v 4). Esses eventos iniciais, que marcavam o período entre a ressurreição de Cristo e a destruição do templo no ano 70 d.C., foram manifestos assim:

1. *Falsos Messias*. “Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos” (v. 5).
2. *Guerras*. “E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino” (vv. 6-7a).
3. *Desastres naturais*: “E haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o princípio das dores” (vv. 7b-8).

É possível que qualquer destes acontecimentos tivesse feito os cristãos sentir que o fim estava imediatamente por chegar, se Jesus não tivesse lhes advertido que tais eventos eram apenas *tendências gerais* que caracterizavam a geração final, e não sinais precisos do fim. Os dois sinais seguintes, embora ainda caracterizem o período como um todo, nos aproximam do fim da era:

4. *Perseguição*: “Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome” (v. 9).
5. *Apostasia*: “Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (vv. 10-13).

Os últimos dois itens na lista são muitos mais específicos e identificáveis do que os sinais anteriores. Esses seriam os sinais finais e definitivos do fim – um deles seria o cumprimento de um processo, e o outro um evento decisivo:

6. *Evangelização mundial*. “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (v. 14).

À primeira vista, isso parece inacreditável. Seria possível o evangelho ter sido pregado ao mundo todo dentro da geração que ouviu estas palavras? O testemunho da Escritura é claro. Não somente *poderia* ter acontecido, como *de fato aconteceu*. Provas? Uns poucos anos antes da destruição de Jerusalém, Paulo escreveu aos cristãos em Colosso “do evangelho, que chegou até vós; como também, *em todo o mundo*, está produzindo fruto e crescendo” (Colossenses 1:5-6), e exortou-os a não afastarem “da esperança do evangelho que ouvistes e que *foi pregado a toda criatura debaixo do céu*” (Colossenses 1:23). À igreja em Roma, Paulo anunciou que “em todo o mundo, é proclamada a vossa fé” (Romanos 1:8), pois a voz dos pregadores do evangelho “por toda a terra saiu... e as suas palavras até aos confins do mundo” (Romanos 10:18). De acordo com a infalível Palavra de Deus, o evangelho foi de fato pregado ao

mundo todo, bem antes de Jerusalém ser destruída no ano 70 d.C. Esse sinal crucial do fim foi cumprido, como Jesus tinha dito. Só faltava o sétimo e último sinal; e quando esse evento ocorresse, todos os cristãos que moravam em Jerusalém ou perto dela deveriam escapar imediatamente, conforme a instrução de Jesus.

7. O Abominável da Desolação: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa” (vv. 15-18).

O texto do Antigo Testamento ao qual Cristo se refere encontra-se em Daniel 9:26-27, que profetiza a vinda de exércitos para destruir Jerusalém e o templo: “... O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; *desolações* são determinadas... sobre a asa das *abominações* virá o *assolador*, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele [o *assolador*]”. A palavra hebraica para *abominação* é usada por todo o Antigo Testamento para indicar *ídolos*, *práticas perversas* e *idólatras*, especialmente dos inimigos de Israel (por exemplo, Deuteronômio 29:17; 1 Reis 11:5, 7; 2 Reis 23:13; 2 Crônicas 15:8; Isaías 66:3; Jeremias 4:1; 7:30; 13:27; 32:34; Ezequiel 5:11; 7:20; 11:18, 21; 20:7-8, 30). O significado tanto de Daniel como de Mateus é deixado claro pela referência paralela em Lucas. Ao invés de “abominável da desolação”, lemos em Lucas:

Quando, porém, virdes *Jerusalém sitiada de exércitos*, sabeis que está próxima a sua *devastação*. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela (Lucas 21:20-22).

O “abominável da desolação” seria, portanto, a *invasão armada de Jerusalém*. Durante o período das guerras dos judeus, Jerusalém foi rodeada por exércitos pagãos várias vezes. Mas o evento específico denotado por Jesus como “o abominável da desolação” parece ser a ocasião quando os edomitas, os antigos inimigos de Israel, atacaram Jerusalém. Várias vezes na história de Israel, quando este era atacado por seus inimigos pagãos, os edomitas entraram para destruir e desolar a cidade, aumentando assim grandemente a miséria de Israel (2 Crônicas 20:2; 28:17; Salmos 137:7; Ezequiel 35:5-15; Amós 1:9, 11; Obadias 10-16).

Os edomitas continuaram fazendo o mesmo, e sua característica padrão foi repetida durante a Grande Tribulação. Durante uma noite do ano 68 d.C., os edomitas cercaram a cidade santa com 20.000 soldados. Quando eles esperavam fora dos muros, segundo Josefo, “ali irrompeu uma tempestade assombrosa de noite, com extrema violência, ventos muito fortes, grande

quantia de água, raios contínuos e trovões terríveis, com abalos e ruídos impressionantes da terra por causa de um terremoto. Essas coisas foram uma indicação manifesta que alguma destruição estava vindo sobre os homens, quando o sistema do mundo foi posto nesta desordem; e ninguém duvidava que esses assombros prenunciavam alguma grande calamidade que estava chegando”. Esta era a última oportunidade de escapar da condenada cidade de Jerusalém.

Todo aquele que desejasse fugir tinha que fazê-lo imediatamente, sem demora. Os edomitas entraram na cidade e foram diretamente ao templo, onde assassinaram 8.500 pessoas degolando-as. Ao encher o templo de sangue, os edomitas saíram como loucos pelas ruas da cidade, saqueando casas e assassinando todos que encontravam, incluindo o sumo sacerdote. De acordo com o historiador Josefo, esse evento marcou “o princípio da destruição da cidade... desde este dia pode-se datar a queda dos seus muros, e a ruína dos seus assuntos”.

A Grande Tribulação

Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado; porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais (Mateus 24:19-21).

O relato de Lucas dá detalhes adicionais:

Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles (Lucas 21:23-24).

Como Cristo apontou em Mateus, a Grande Tribulação ocorreria, não no *fim* da história, mas no *meio*, pois nada similar tinha ocorrido “desde o princípio do mundo até agora... nem haverá jamais”. Assim, a profecia da Tribulação refere-se à destruição do Templo naquela geração (70 d.C.) *somente*. Não se pode encaixá-la num esquema de interpretação de “duplo-cumprimento”; a Grande Tribulação de 70 d.C. foi um evento absolutamente único, que nunca será repetido.

Josefo nos deixou um testemunho ocular de grande parte do horror daqueles anos, e especialmente dos dias finais em Jerusalém. Foi um tempo quando “os dias eram gastos em derramamento de sangue, e a noite em temor”; quando era “comum ver cidades cheias de cadáveres”; quando os judeus entraram em pânico e começaram a matar indiscriminadamente uns aos outros; quando os pais matavam com lágrimas toda a sua família, para evitar que eles recebessem tratamento pior dos romanos; quando, em meio à terrível fome, mães matavam, assavam e comiam seus próprios filhos (cf. Deuteronômio 28:53); quando a terra inteira “estava cheia de fogo e sangue”; quando os lagos e

mares envermelheceram, corpos mortos flutuavam por toda parte, jogados nas praias, inchando ao sol, apodrecendo e partindo-se; quando os soldados romanos capturavam as pessoas que estavam tentando escapar e então crucificava-as – em média 500 por dia.

“Seja crucificado!... Seja crucificado!...*Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!*”, tinham gritado os apóstatas quarenta anos antes (Mateus 27:22-25); e quando tudo tinha terminado, mais de um milhão de judeus tinham sido assassinados no cerco de Jerusalém; quase outro milhão de pessoas foram vendidos como escravos por todo o império, e toda a Jerusalém queimava em ruínas, virtualmente despovuada. Os dias de vingança tinham chegado com uma intensidade horrível e sem misericórdia. Ao quebrar o seu pacto, a cidade santa se tornou a prostituta babilônica; e agora ela era um deserto, “morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável” (Apocalipse 18:2).

Fonte: Capítulo 1 do excelente livro *The Great Tribulation*, de David Chilton.